

Há uma tentativa de comunhão entre forma e conteúdo, entre a linguagem dramatúrgica e a linguagem cênica. As relutâncias, o vaivém, as quebras, as dissonâncias, os parênteses e colchetes – tudo aparece na voz, nas vozes. Há um jogo constante de sonoridades, como se a fala se confundisse com o canto a todo momento. Ou como se o canto tivesse deixado rastros na fala. Existe uma incompletude presente, latente, na narrativa. Ao mesmo tempo, impera uma volatilidade; como se as palavras se dissolvessem tão logo estivessem em contato com os ouvintes.

O desenho de luz é um capítulo à parte: rendeu a Päetow o Prêmio Shell de Melhor Iluminação 2009, ano em que o espetáculo estreou. Totalmente integrada à encenação, a luz narra, pontua, conta histórias. E sim: é o próprio Päetow quem a opera, ali mesmo, diante de todos, enquanto a Menina agarra-se às próprias fagulhas e faíscas que lhe restam. Não há virtuosismo, mas muita, muita sensibilidade. Bem, eu fiquei encantada. Impossível não notar a entrega visceral dos atores a esse projeto – especialmente de Luiz Päetow. Pode-se decretar o fim da História, o fim do teatro, o fim da própria humanidade; a decrepitude dos artistas, o esvaziamento da arte, o enterro do amor. Talvez o que esteja morrendo, contudo, seja mesmo a plateia tal e qual ainda a definimos, aquela plateia submissa e conivente, acomodada. Essa plateia sucumbe ao esgotamento, ao enfado ou à dispersão, prefere a grande televisão de plasma no canto da parede e a diversão das redes sociais no celular. Acostumou-se ao sossego dentro de suas muralhas cercadas, à assepsia nas relações, à vida despolitizada, desapimentada (perdoem o neologismo) e deveras orientada. Ora, essa plateia não vai mais ao teatro.

Abismo - o artista fica atônito.

Chora, não compreende. Acostumado que estava a certos conceitos, o que fazer agora?

Apagam-se as luzes. O silêncio é sepulcral.

Mas novas plateias sempre surgem, sedentas e famintas, curiosas e abertas, à espera de artistas que acreditam no que fazem. Afinal, para que haja comunhão, é preciso que os dois lados estejam presentes no ritual. Enquanto houver entrega e fé, como demonstram Päetow e os intérpretes da Cia. da Mentira, meninas e meninos continuarão com seus espetáculos, deste e daquele lado – mesmo que os caminhos sejam íngremes, deveras íngremes.

Até 20/10, sex. e sáb. 21h, dom. 20h.

Gênero: drama. Duração: 70 min.

Classificação: 14 anos. CIT ECUM: R. da Consolação, 1623, Metrô Paulista, tel.

3255-5922. Ingressos: R\$ 40. Crédito:

Diners, Mastercard e Visa. Débito:

Maestro, Redeshop e Visa Electron. Onde comprar: na bilheteria (abre duas horas antes) ou, com taxa, pelo site [compreingressos.com](http://compreingressos.com).



A excelente Gilda Nomaçce em um dos momentos da Menina: a relação sempre ambivalente do artista com a plateia. (Foto: Cacá Bernardes / Divulgação)